



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Se um talento era, à altura da parábola, uma quantia avultada, o correspondente ao salário de vinte e cinco anos de um operário, confiar a alguém cinco talentos, a outro dois e um a um outro só podia, e pode ser, uma operação e um investimento de elevado risco, que só é possível concretizar-se a partir de uma confiança sem precedentes em quem se faz fiel depositário de tão avultados valores pois, na prática, estão em jogo 200 anos de salários e, mais que o tempo ou o valor e realidade dos números, está o suor e o esforço da conquista: havia e há sempre o real risco de se perder a “aposta” feita, de frustrarmos planos e queimar-se expectativas.

Já não são cinco, dois ou apenas um talento aqueles que nos são dados fazer render e frutificar, aqueles que, com o fermento da ousadia, da coragem e do trabalho, conseguimos duplicar ou triplicar em fortunas nunca vistas; são mais, muitos mais que 200 anos de salários, mais precisos que todos os salários possíveis: há fortunas incalculáveis colocadas nas nossas mãos que, na maior parte dos casos, nem as reconhecemos como tal, nem nos damos conta das riquezas da qual somos fiéis, ou infieis, depositários e, se pensamos em “talentos” como, apenas e só, dons, capacidades, aptidões e a uma mão cheia de saber fazer isto ou ter jeito para aquilo, acabamos por reduzi-los a denários empobrecendo-nos a todos.

Não querendo retirar o valor dos denários, e se nos são dados talentos, não fiquemos pela mediocridade dos valores, nem contentes por vermos uns míseros tostões nas carteiras do nosso ser e agir. Se é talento é muito e se é muito é Deus e de Deus, de um Deus que Se torna audível em Palavra, visível em Sacramentos, palpável em Bem-aventuranças: afinal, Deus é possível!

Se é talento são todos e cada um como obra-prima e bela de um Deus Criador, porque somos mais, e mais “valemos que todos os passarinhos”: afinal, nós somos possíveis! Se é talento é toalha à cintura e água na bacia em jeito de uma “Última Ceia” permanente, onde o serviço leveda a vida e a doação fermenta a esperança: afinal, é possível ser-se humano!

Se é talento é possibilidade de ser pão na mesa dos pobres, tecto em casas de caixotes e partilha com quem já não tem forças para entender a mão: Afinal, é possível ser-se irmão!

Se é talento é possibilidade de ser mais eu, sendo mais do outro e para o outro, capacidade de reconhecer-me como imagem e semelhança de Deus e ver no outro a perfeição desta imagem: afinal, é possível divinizar-nos!

Mas “quem não arrisca não petisca” e pior que perder é nunca ter a alegria e o prazer de arriscar e, se houver perca valeu a ousadia e a coragem da aposta, a alegria e o sabor da aventura. Mais frustrante que “gastar” potencialidades, investindo em novos dinamismos, novas lutas e conquistas é deixar passar o “prazo” de validade de uma vida que, ao invés de servir e gastar-se por aquilo que vale mesmo a pena, deixou-se simplesmente, empoeirar-se por uma inércia e inutilidade não só indigna como desumana.

Não vale a pena enterrar dinheiro: não vai crescer nada! Não vale a pena “enterrar-mo-nos”: não vamos dar nada! Se queremos duplicar, triplicar, ou o mais que desejamos, simplesmente joguemos arrisquemos e apostemos, mas apostemos tudo: na “lotaria” do amor, sai sempre o nosso número e, quem não arrisca... não só perde como se perde.

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XXXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano A

1ª Leitura
Provérbios 31, 10-13.19-20
.30-3

«Põe mãos ao trabalho alegremente»

2ª Leitura
1 Tessalonicenses 5,1-6

«Para que o dia do Senhor não vos surpreenda como um ladrão»

Evangelho
São Mateus 25,14-30

«Foste fiel em coisas pequenas: vem tomar parte na alegria do teu Senhor»



A Palavra do Senhor deste 33º Domingo do Tempo Comum, já em contagem decrescente para o final do Ano Litúrgico, vem recordar-nos a grave responsabilidade de sermos, no tempo histórico em que vivemos, testemunhas conscientes, activas e comprometidas do projecto de salvação/libertação que Deus Pai tem para toda a humanidade.

No Evangelho são-nos apresentados dois exemplos opostos de como esperar e preparar a última vinda de Jesus. Nele é louvado o discípulo que

se empenha em fazer frutificar os “bens” que Deus lhe confia e condena o discípulo que se instala no medo e na apatia e não põe a render os “bens” que Deus lhe entrega estando, dessa forma, a desperdiçar os dons de Deus e a privar os irmãos, a Igreja e o mundo dos frutos a que têm direito. Os dois “servos” da parábola que, talvez correndo riscos, fizeram frutificar

os “bens” que o “senhor” lhes deixou, mostram como devemos proceder, enquanto caminhamos pelo mundo à espera da segunda vinda de Jesus. Eles tiveram a ousadia de não se contentar com o que já tinham; não se deixaram dominar pelo comodismo e pela apatia mas, pelo contrário, lutaram, esforçaram-se, arriscaram e ganharam. Todos os dias, há que ter a coragem de arriscar.

Na segunda leitura, São Paulo deixa claro que o importante não é saber quando virá o Senhor pela segunda vez, mas sim estar atento e vigilante, vivendo de acordo com os ensinamentos de Jesus, testemunhando os seus projectos, empenhando-se activamente na construção do Reino.

A primeira leitura apresenta, na figura da mulher virtuosa, alguns dos valores que asseguram a felicidade, o êxito, a realização. O “sábio” autor do texto propõe, sobretudo, os valores do trabalho, do compromisso, da generosidade, do “temor de Deus”. Não são só valores da mulher virtuosa: são valores de que deve revestir-se o discípulo que quer viver na fidelidade aos projectos de Deus e corresponder à missão que Deus lhe confiou.

SABIAS QUE...



... agora já podes preparar o teu caminho para a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) de Lisboa com as plataformas Passo-a-Rezar e Click To Pray?

Da iniciativa das plataformas digitais portuguesas Passo-a-Rezar e Click To Pray surgem, a partir deste mês de Novembro de 2020, orações mensais de preparação para a JMJ, desempenhando estas um verdadeiro convite aos jovens, e menos jovens, a participarem do espírito das jornadas no seu caminho até 2023 em Lisboa.

Estas orações são disponibilizadas em todos os primeiros sábados de cada mês, em Portugal, em formato de texto e áudio no site passo-a-rezar.net.

Neste âmbito, é, ainda, da responsabilidade da equipa portuguesa do Click To Pray a elaboração das propostas de oração dos períodos da manhã e tarde publicadas, por esta plataforma e sua aplicação, nos dias 23 de cada mês, tendo, as mesmas, tradução nas nove línguas disponíveis na aplicação, entre elas português, inglês, japonês chinês, vietnamita, entre outras.

Estas propostas de oração têm o seu ponto de partida nas diferentes intervenções, comunicações e publicações do Papa Francisco dirigidas aos jovens ao longo do seu pontificado.

Este trabalho é, pois, o resultado da união de esforços entre o Comité Organizador Local da JMJ Lisboa e a Rede Mundial de Oração do Papa que faz a gestão das plataformas Click To Pray (aplicação oficial de oração do Papa) e Passo-a-Rezar.

Consientes que a oração desempenha um fecundo e fundamental papel no caminho de preparação para a JMJ Lisboa 2023, não deixemos de aproveitar, também, estas novas e actuais formas de comunicação e divulgação que nos são facilitadas pelo esforço de tantos, como nós, que se dispõem a abraçar esta missão que é a da evangelização.

POR CÁ

Seminário de Angra celebrou 158 anos



Coincidindo com o encerramento da Semana dos Seminários, na passada Segunda-feira, dia 9 de Novembro, o Seminário Episcopal de Angra celebrou o seu 158º aniversário.

Contando este ano com 18 seminaristas, três dos quais serão ordenados diáconos no próximo dia 8 de Dezembro, o Seminário Episcopal de Angra foi inaugurado a 9 de Novembro de 1862 no Convento de S. Francisco de Angra, passados 328 anos da fundação da Diocese, dando-se, deste modo, cumprimento à norma tridentina e ao desejo do clero quanto à fundação de um Seminário nesta Diocese.

Passados 158 anos, o Seminário Episcopal de Angra, formou diversas gerações de alunos, tendo dele saído sete bispos e praticamente todos os sacerdotes açorianos. O reconhecimento do trabalho do Se-

minário foi de resto feito a nível nacional com a atribuição da Insignia da Ordem de Mérito pelo Presidente da República, para além da Medalha de Ouro do Município de Ponta Delgada e do Diploma de Reconhecimento, da Câmara de Angra do Heroísmo, por ocasião do 150º aniversário.

Recorde-se que o Seminário foi a principal e única escola de formação superior de centenas de homens, que influenciaram a cultura e a sociedade açorianas, uma vez que antes da criação da Universidade dos Açores, esta era a única Instituição de Ensino Superior do arquipélago.

À sombra do Seminário nasceu o Instituto Açoriano de Cultura, que promoveu as Semanas de Estudo dos Açores, um dos momentos mais altos de reflexão política, social, cultural e económica dos Açores e alguns dos fundadores da própria Universidade ensinaram no Seminário.

O esforço por uma formação de qualidade constitui, de resto, um dos distintivos desta Instituição.

Este ano o Seminário conduziu à ordenação seis novos sacerdotes, o que em tempo de pandemia constituiu um enorme desafio. Também por decisão do bispo diocesano, a partir de agora, o Seminário será responsável pela formação permanente dos neo sacerdotes nos dois primeiros anos após a ordenação.

Pendente continua, no entanto, o reconhecimento curricular do plano de estudos do Seminário pela Universidade Católica Portuguesa.

POR LÁ

Papa Francisco assinala Dia Mundial dos Pobres

Neste domingo, o Papa Francisco assinala, no Vaticano, o IV Dia Mundial dos Pobres com a celebração de uma Eucaristia na Basílica de São Pedro.

O Dia Mundial dos Pobres foi uma iniciativa criada pelo próprio Papa Francisco e acontece anualmente no penúltimo Domingo do ano litúrgico.

Na sua mensagem para este dia, publicada a 13 de Junho, dia de Santo António, com o tema 'Estende a tua mão ao pobre', Francisco sustenta que a atenção aos mais necessitados é "condição da autenticidade da fé": "Todos os anos, com o Dia Mundial dos Pobres, volto a esta realidade fundamental para a vida da Igreja, porque os pobres estão e sempre estarão connosco para nos ajudar a acolher a companhia de Cristo

na existência do dia-a-dia", escreve.

Desde 2017, a celebração promovida por Francisco quer colocar a pessoa em situação de pobreza no centro do agir da Igreja; este ano a mensagem para a celebração, neste dia 15 de Novembro, alude ao impacto da pandemia de Covid-19: "Nestes meses, em que o mundo inteiro foi dominado por um vírus que trouxe dor e morte, desconforto e perplexidade, pudemos ver tantas mãos estendidas! A mão estendida do médico que se preocupa de cada paciente, procurando encontrar o remédio certo", pode ler-se.

O Papa presta homenagem a todas as mãos que "desafiaram o contágio e o medo, a fim de dar apoio e consolação".



ENTRE NÓS...

Diante do pobre só apetece estar de joelhos!



Diante do pobre, como Francisco de Assis, só apetece despir tudo para nada possuir a não ser a ousadia de ser também pobre, sentir a pobreza de ser tão rico, tão cheio de coisas, tão banqueteadado e super confortável e experimentar, não poucas vezes, o vazio de quem nada é! Há quem não tenha, ou tenha pouco, mas sabe ser, e é, e disso faz bandeira e orgulha-se, e eu, que muito tenho, refugio-me na inveja da simplicidade, da pureza do olhar e do saber ser e viver, da liberdade de quem não se deixa acorrentar pelas nobrezas de sangue ou de nome, porque, afinal, corre-nos o mesmo sangue e todos somos da mesma matéria.

Diante do pobre só me apetece ser...

pobre!

Conheci-o pelo nome, sim, um nome que me dizia ao que vinha e que missão despontava ou não fosse "Emanuel"! Como tantos outros, não passava despercebido pela figura, cheiro e postura mas, mais do que isto, não me passava despercebido pela ousadia de ser pobre com os pobres, sabendo partilhar as poucas moedas amealhadas, ousando deixar de beber, quando tão bom seria uns golinhos de vinho, para, com o mesmo valor, comprar pão para quem, mais pobre que ele, ainda não havia tomado o pequeno-almoço, e alertava: "para não beberes nada em jejum"; os pobres entendem-se!

O conhecimento mútuo partiu da mão estendida: "é pra comer e o resto pra beber. Oh! Verdade. Não vou mentir"; o pobre sabe ser honesto!

Falámos tantas vezes e nunca a conversa foi banal e quando a hora se aproximava, sentava-se de isqueiro na mão porque sabia que o cigarro era da minha obrigação porque "não podes vir de mãos a abanar. Posso não ter nada para te dar mas tu precisas de mim para ires para o Céu". Fui ao longo do tempo percebendo que, realmente, precisávamos um do outro e juntos podíamos escrever cenas de outros capítulos.

Com o passar do tempo e com o aumento da confiança, quase que era repellido por levar isto ou aquilo, embora sempre agradecesse: "não precisas trazer nada, basta que estejas aqui comigo e que não tenhas vergonha disso, mas se trouxeres alguma coisa... eu como". Não, não tinha vergonha de estar a seu lado (confesso que fui perdendo esta vergonha), aliás, era dos momentos mais bem passados do meu dia, saber que, àquela hora podia ser abrigo para um sem-abrigo e saber que, afinal, é mesmo verdade que Deus está connosco".

Um dia disse-lhe: "o teu nome quer dizer Deus-connosco" ao que respondeu: "Se sou "Deus-connosco" então tens mesmo que ser meu amigo, se queres andar com Nosso Senhor". E no meio de tanta "teologia" o Emanuel revelou-me a sua pobreza: "mais que comida ou dinheiro, eu preciso é de amigos. Toda a gente fala de mim, toda a gente resmungo quando peço alguma coisa, toda a gente mandame "bocas", falam, desviam-se... posso não ter nada mas eu não deixo de ser gente". Preocupamo-nos em fazer tanta coisa para tanta gente esquecendo de fazer do outro gente!

Era impossível não ser gente no meio desta gente, não deixar-se amar por um amor tão puro e simples, tão humano

que, de tão humano humaniza, dá cor e sentido à vida. Era impossível resistir a ser amigo de quem, mais que tudo, valoriza a amizade, o sentir-se acolhido e aceite e "gosto muito de ti porque nunca brigaste comigo, nunca me disseste o que tinha de fazer ou deixar de fazer, nunca me criticaste ou apontaste isto ou aquilo". Nunca senti necessidade de fazer o que tantos outros já faziam e diziam: preferi ser apenas diferente e ao tratar de forma diferente, diferente fiquei eu.

Passaram-se dias, meses, uns três anos, muitas partilhas e complicitades, aventuras projectos e, chegaram as cenas dos próximos capítulos: 25 anos depois de uma vida entre gente mas não sentindo-se gente, onde mais que tudo faltava o sentir-se amado em todos os tempos e modos, Emanuel emigrou, casou, tornou-se "rico" porque amado, porque gente... e eu, pela sua emigração, fiquei mais pobre.

"Podes não ir pró Céu, apesar de achar que tu vais, mas vais ficar sempre no meu coração". Já me basta este céu!

Há pobres que nos tornam ricos, que nos fazem ver que a sua maior riqueza é serem mesmo pobres, para que nós aprendamos a ser "ricos" e nunca esquecermos que, pior que ser pobre é não saber ser rico.